DA

ARCHITECTURA RELIGIOSA EM COIMBRA

DURANTE A EDADE MEDIA

PELO DOUTOR

Augusto Filippe Simões

[illegible]ENTE SUBSTITUTO DA FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
SOCIO EFFECTIVO DO INSTITUTO DA MESMA CIDADE
E SOCIO CORRESPONDENTE DA ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS DE LISBOA

CONFERENCIA

feita em 24 de fevereiro de 1874 no Instituto de Coimbra

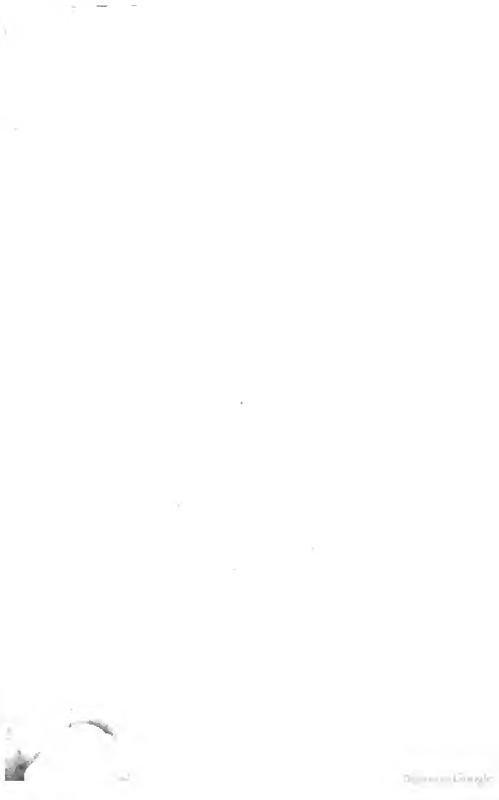
COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

DA

ARCHITECTURA RELIGIÓSA

EM

COIMBRA

DA

ARCHITECTURA RELIGIOSA EM COIMBRA

DURANTE A EDADE MEDIA

PELO DOCTOR

Augusto Filippe Simões

LENTE SUBSTITUTO DA FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
SOCIO EFFECTIVO DO INSTITUTO DA MESMA CIDADE
E SOCIO CORRESPONDENTE DA ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS DE LISBOA

CONFERENCIA

feita em 21 de fevereiro de 1874 no Instituto de Coimbra

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1875

A

Abilio Augusto da Fonseca Pinto

Augusto Filippe Simões

DA ARCHITECTURA RELIGIOSA EM COIMBRA DURANTE A EDADE MEDIA

SUMMARIO.— Edade media, religião, architectura — Os templos indios, egypcios, gregos, romanos e christãos — Comparação das tres dimensões nuns e noutros — Egrejas de Coimbra anteriores ao anno de 1200 — S. Salvador, S. Thiago, Sé Velha e S. Christovão — Characteres architectonicos das quatro egrejas de Coimbra — Orientação — Fórma — Paredes, apparelho, cornijas, oculos e janellas, gigantes, torres, ameias — Tectos — Planta interior, naves, cruzeiro, capella-mór e lateraes — *Triforium* — Basilicas romanas — Similhanças entre ellas e as quatro egrejas de Coimbra — Pequena importancia do apparelho, abobadas e gigantes para determinar a edade relativa d'estes templos — O predominio do arco de volta redonda prova serem anteriores ao anno de 1200 — Arcos, archivoltas e columnas das portas e janellas — Constituição do estylo romano-byzantino e sua diffusão pela Europa — As quatro egrejas sendo d'este estylo não se hão de reputar anteriores ao anno de 1000 — As egrejas de S. Salvador e S. Thiago terão sido construidas no seculo XI ?— A edificação das egrejas de S. Christovão e da Sé Velha no seculo XII provada pelos characteres da architectura — E tambem por documentos — Inscripção arabiga — Atraso da architectura conimbricense no ultimo quartel do seculo X — Documento comprovativo — Egrejas de Coimbra no seculo XI — Circumstancias que influiram para desenvolver a architectura na segunda metade d'este seculo — Architectura religiosa em Coimbra nos seculos XIII, XIV, XV e XVI — Conclusão.

I

Da architectura religiosa em Coimbra durante a edade media, tal é, senhores o objecto d'esta conferencia.

As palavras *edade media, religião, architectura* exprimem idêas correlativas: uma epocha; um culto que domina e characterisa essa epocha; uma arte que exalta e glorifica esse culto.

Decorreram onze seculos desde a quéda do imperio romano até ao renascimento das artes e letras. Nesse largo periodo, que chamamos hoje edade media, a luz do christianismo raiou com vivos resplendores por entre as trevas que baixaram com os barbaros, do norte ao meiodia da Europa; salvou a sociedade do abysmo, aonde parecia precipitarem-na os vicios dos vencidos e a barbaria dos vencedores; prendeu com indissoluveis laços a antiga á moderna civilisação; e obstou, emfim, a que, sob as ruinas do mundo que se desmoronava, se destruissem totalmente os germens do futuro progresso do mundo que nascia.

A idêa religiosa modificou as leis, os costumes, as artes, as empresas militares, a vida publica e privada, todas as instituições, todas as manifestações sociaes. Pelo irresistivel influxo de tão poderoso elemento, a humanidade ergueu-se em grandeza moral a uma altura, aonde em epochas anteriores jámais podéra elevar-se.

A architectura, de mãos dadas com suas dnas irmãs, a esculptura e a pintura, moldou o espirito do christianismo em fórmas visiveis e materiaes, e representou-o, aos olhos dos crentes, em primores de arte sublimes, em obras tambem mais expressivas e majestosas que todas as que antecedentemente produzira o genio do homem, inspirado pelo sentimento religioso.

Começarei, senhores, por demonstrar-vos esta ultima proposição. Em poucas palavras esboçarei as idêas de auctorisados estheticos, que escreveram da superioridade dos templos do christianismo relativamente aos das outras principaes religiões, ou, o que significa o mesmo, relativamente aos dos povos mais civilisados qne têm existido na terra. Introducção mais de moldo não a encontraria eu, por certo, para o assumpto que me proponho tractar na vossa illustre presença.

II

Os templos antigos da India, escavados na rocha viva, são vastos subterraneos. Alonga-se a vista em grande distancia, por entre compridos renques de columnas, e não chega a abranger

um todo circumscripto e completo. Na India antiga a humanidade ainda criança (como disse ha pouco tempo, aqui neste mesmo logar, um dos eloquentes oradores que me precederam [1]), a humanidade parecia subjugada pelo imperio da natureza. Naquella parte da Asia, berço da civilisação humana, as religiões contêm uma idêa pantheistica associada a um sentimento profundo das energias naturaes, das forças ou agentes physicos. Ao vago, ao immenso do pantheismo correspondem as sombras mysteriosas e indefinidas do interior do templo, onde o architecto prolongou demasiadamente a profundidade ou a dimensão do comprimento em relação ás outras duas dimensões, como se quizera buscar nos intimos seios da natureza a divindade com ella identificada e confundida. Descendo ás entranhas da terra, o architecto soube tambem representar a outra idêa fundamental da religião de Brahma, escavando em vez de edificar, esboçando em vez de concluir, deixando como incompleta a sua obra, symbolo de um mundo em germen, de um mundo que na massa homogenea da substancia primitiva anima e organisa o sôpro omnipotente do ser universal.

Os egypcios acreditavam firmemente na immortalidade da alma e tambem que, passados mil ou mais annos, resurgiriam seus corpos, reanimados pelos espiritos que no momento da morte os tinham abandonado. Por isso, não se importavam de habitar cabanas humildes, em quanto vivos, com tanto que tivessem edificios magnificos e perduraveis para jazer depois de mortos. Nestas construcções predominava a dimensão da largura, por ser de todas tres a que lhes poderia dar real e apparentemente maior estabilidade.

As partes dos edificios religiosos do Egypto, paredes, columnas, pilares, tudo é curto e espesso. E para mais augmentar esta grande solidez, as bases alargam-se demasiadamente em talud ou alambor de cima para baixo. A fórma pyramidal domina, por consequencia, toda a architectura egypcia. Ora, a pyramide, como sabeis, é o symbolo da estabilidade.

[1] O sr. Candido de Figueiredo.

Pyramides completas e rigorosamente geometricas, pyramides qnadrangulares são os celebrados monumentos de Memphis. O principal, on de Cheops, é a mais alta de todas as fabricas que mãos de homens ergueram na face da terra. E todavia a dimensão da largura da base excede em mnito a da altura. Está na proporção de 8 para 5. Parece que, dando tamanhas dimensões ás bases das pyramides, quizeram assegurar a eternidade d'estes enormes monumentos.

Os templos dos gregos e os dos romanos que os imitaram são os unicos em que as tres dimensões parece estarem em equilibrio. Não ha, porém, egualdade entre estas, porque, se a houvera, teriam aquelles edificios a fórma cubica. As differenças chegam em certos casos a ser de 2 para 1. Entretanto parecem pequenas, e menores ainda quando se comparam com as que se observam nos templos dos indios e dos egypcios. Attribuem-se antes ao sentimento da belleza qne ao sentimento religioso.

O templo grego, apezar de toda a sua graça e majestade, traz sempre á lembrança a cabana scythia, a habitação humana. Assim tambem os deuses da Grecia, heroes, homens divinisados, não mudavam de natureza por se elevarem ao Olympo. Conservavam os costumes, affeições e odios que tinham tido na terra, aonde desciam muitas vezes a visitar os seus compatriotas, a roubar-lhes as filhas on as mulheres, on a intervir nos negocios do mundo por outros modos pittorescos. Quando a divindade vinha assim ao encontro dos homens, porque haveriam os homens de prolongar nma ou outra das dimensões dos seus templos para ir ao encontro da divindade?

Superiores aos monumentos religiosos dos indios, dos egypcios, dos gregos e romanos, os templos dos christãos, os templos mais perfeitos do estylo ogival elevam-se elegantemente aprumados, erguem-se graciosos, como o cedro ou a palmeira, apontam ao céo com os pinaculos e corucheus, como para transmittir á Divindade as preces e aspirações do homem. Aqui é a dimensão da altura que excede em muito a da largura. Como acontecen, porém, que, sendo a architectura da edade media uma degeneração da architectura grega e romana, chegaram os templos christãos a

ser tão manifestamente superiores aos do paganismo? A fé, que na phrase da Escriptura move as montanhas, a fé religiosa alevantou a abobada romana; o sôpro do espirito ergueu as torres ás nuvens; o architecto, emfim, desprendeu o mais que pôde as construcções da face da terra, bem como a sua alma, bem como as almas de todos os crentes se desprendiam o mais que era possivel dos involucros corporeos para se exalçar em mysticos arrobamentos ás delicias ineffaveis do paraizo, aos gozos da bemaventurança que Jesus Christo promettera.

Recapitulando o que deixo ponderado relativamente aos templos das principaes religiões, concluirei que:

O prolongamento da profundidade (extensão em comprimento) causa a impressão de terror mysterioso.

O prolongamento das horisontaes (oxtensão em largura) dá a idêa de repouso, de fatalidade e duração.

O prolongamento das verticaes (extensão em altura) representa o christianismo e a exaltação da alma.

Emfim, o equilibrio das tres dimensões corresponde á idêa antropomorphica da divindade.

III

Senhores: Não temos em Coimbra um dos grandes templos do estylo ogival, onde possamos verificar experimentalmente os effeitos do predominio da dimensão da altura. Todavia na distancia de poucas leguas estão os dois de todo o Portugal em que melhor se observam taes effeitos. São os da Batalha e Alcobaça. Ninguem, por mais sceptico, por mais indifferente em materia de religião, entrará pela nave central de algum d'estes majestosos templos sem se sentir subjugado pela grande altura da abobada, sem que pareça curvar-lhe os joelhos uma força extranha, superior á vontade humana. *Numen inest!*

Das muitas egrejas que na edade media, antes do anno de 1200, se edificaram em Coimbra, segundo um estylo que precedeu o da architectura ogival, apenas subsistem de pé as de S. Sal-

vador, S. Thiago e Sé Velha. A egreja de S. Christovão, ainda algnns de vós, por certo, como eu tambem, a vimos de pé. Foi demolida ha poncos annos para em seu logar e com os seus materiaes se construir um theatro.

Em verdade não sei explicar esta singular predilecção dos amadores da arte dramatica, dos devotos de Euterpe ou de Thalia pelos poucos templos que nos restam da epocha memoravel da fnndação da monarchia. Em Coimbra foi a egreja de S. Christovão. Em Leiria a de S. Pedro, juncto do Castello. Em Santarem a de S. João de Alporão. Todas contemporaneas, todas do mesmo estylo. As duas ultimas, felizmente, não foram demolidas. Limitaram-se a armar dentro em suas paredes as complicadas fabricas de madeira, panno e papel pintado.

Um povo verdadeiramente civilisado conservaria com a maior diligencia e cuidado, se não pelo sentimento religioso, ao menos pelo das glorias nacionaes e artisticas, estes venerandos templos que os fundadores da monarchia edificaram ao mesmo tempo que sellavam com o sangue de suas veias a independencia de Portngal.

Permitti-me, senhores, que, para definir mais clara e rigorosamente a architectura religiosa de Coimbra durante a edade media, ao exame archeologico das tres egrejas que ainda hoje subsistem ajuncte o da egreja de S. Christovão, considerando-a ainda existente. Aquelles qne não a viram já ou se não lembram d'ella poderão saber como era pelo dcsenho, planta e descripção que publiquei nas minhas *Reliquias da architectura romano-byzantina em Portugal e particularmente na cidade de Coimbra.*

Estas quatro egrejas têm characteres communs a todas, outros communs a algumas, outros, cmfim, particulares a cada uma d'ellas. Deduzem-se dos seguintes elementos architectonicos: da orientação; da fórma exterior; das paredes, apparelho, gigantes, ameias, cornijas e torres; dos tectos; da planta ou divisão interior; dos arcos das portas, janellas, frestas ou quaesquer outros; das columnas e mais em particular dos seus capiteis, molduras, baixos relevos e outros ornatos. Uns pertencem á planta, fórma e estructura geral das egrejas. Outros á sua ornamentação.

Estudando taes characteres, indagando como se originaram e

as phases por que têm passado os elementos architectonicos de que fazem parte, se colligirão os subsidios indispensaveis para determinar a edade das velhas egrejas conimbricenses. Em certos casos as indicações architectonicas serão vantajosamente confirmadas pelas particularidades historicas ou pelo exame dos documentos respectivos a cada egreja. Emfim, as memorias dos templos, dos quaes poucos ou nenhuns vestigios nos restam hoje, servirão para completar a idêa que se ha de fazer da importancia e character da architectura em Coimbra durante a edade media. Eis aqui o estudo que vou emprehender em breves palavras, pelo pouco tempo de que posso dispôr, para não abusar da paciencia e attenção com que me tendes escutado.

IV

Todas as quatro egrejas foram construidas na encosta occidental da collina onde jaz a cidade de Coimbra. Todas orientadas de nascente a poente, segundo a lei seguida na edade media. Todas ficaram, emfim, com o portal mais alto que o terreno adjacente em consequencia da inclinação do monte. Na egreja de S. Christovão aproveitaram esta circumstancia para construir uma crypta ou capella subterranea que se descobriu á entrada do templo quando o demoliram. É possivel e até provavel que nas outras tres egrejas existam ou tenham existido cryptas similhantes ou á porta ou debaixo da capella-mór, onde mais commumente as construiam.

A todas estas egrejas deram a fórma rectangular. Porém o lado oriental do rectangulo não é como os outros tres lados uma recta, mas uma linha composta de tres curvas correspondentes á capella-mór e ás duas capellas lateraes. Na Sé Velha o cruzeiro sobresahe até na parte exterior formando muito salientemente os braços da cruz.

As paredes da egreja de S. Salvador são de alvenaria, *opus incertum*. As de S. Thiago, S. Christovão e Sé Velha revestidas de cantaria, pedras faciadas ou silhares com as dimensões do ap-

parelho medio. Na fachada principal de S. Salvador vê-se por cima da porta uma cornija estribada em modilhões ou carrancas. Na fachada septemtrional de S. Thiago ha por cima da porta transversa uma cornija similhante, e outra sustentada em modilhões lisos na parede opposta. No frontispicio da egreja de S. Thiago está por cima do portal um oculo circular, em parte mutilado pela varanda que alli construiram no seculo XVI. Nas egrejas de S. Christovão e da Sé Velha grandes janellas, cm tudo similhantes ás portas principaes, foram por cima d'estas construidas.

As paredes lateraes de S. Salvador e S. Thiago são lisas. As de S. Christovão tinham grandes gigantes que as reforçavam. Eram, como os que se vêem ainda na Sé Velha, saliencias quadrangulares das paredes que lhes servem de ornamento e, em vez de as desfeiar, as embellezam, ao contrario do que se observa na maior parte dos templos coetaneos e em todos os mais antigos.

Em S. Salvador a torre está separada da egreja, e foi talvez construida posteriormente, pois conserva uma porta ogival. A de S. Thiago parece tambem posterior á egreja, e seria talvez construida no seculo XVI, quando por cima d'ella se prolongou a casa da Misericordia. A da Sé Velha era tambem separada da egreja, do lado do claustro, onde hoje está a Imprensa da Universidade. A torre que se vê na fachada principal é accrescentamento deploravelmente feito ha uns trinta annos. Havia tambem na Sé Velha por cima do cruzeiro um grande torreão com quatro andares e em cada andar janellas voltadas aos quatro ventos. Esta parte do edificio, que parece teria a fórma pyramidal, foi demolida no seculo passado, e substituida pelo zimborio azulejado que actualmente existe no mesmo logar.

Por causa das reconstrucções, feitas em varias epochas, não se vê hoje como se rematavam em cima as paredes das egrejas de S. Salvador e S. Thiago. De certo tiveram sempre, como agora, tectos de madeira, o que se prova pela falta de gigantes. A egreja de S. Christovão era guarnecida de amêas e tinha abobada exactamente como a Sé Velha. Para resistirem á pressão das abobadas se lhes accrescentaram os gigantes.

Em todas estas quatro egrejas o espaço interior foi dividido em tres naves por duas series de columnas, em qne directamente se estribam arcos de volta redonda. Ás naves segue-se o cruzeiro, mais largo do qne ellas. Ao cruzeiro a capella-mór e as capellas lateraes; a primeira em frente da nave central: cada uma das segundas adiante da nave lateral correspondente. Todas primitivamente semi-circulares.

Na egreja da Sé Velha ha uma galeria com arcadas estribadas em columnelos abertas nas paredes da nave central o do cruzeiro. É o *triforium*.

Pelos characteres mencionados, respectivos á fórma e estructura geral, se vê a grande similhança das quatro egrejas conimbricenses com a basilica romana, donde derivaram os templos christãos da edade media.

Com effeito datam do seculo IV os primeiros templos do obristianismo. Antecedentemente os fieis reuniam-se a occultas nos ermos das ruinas ou nas solidões das catacumbas, para celebrar os mysterios religiosos, e quando adversarios e inimigos lhes lançavam em rosto o não edificarem templos ao Deus que adoravam, respondiam que, perante Aquelle qne não cabe em todo o universo, mais valiam os altares de sens corações que as maiores casas que podessem contruir-lhe na terra.

No seculo IV, pois, aos bispos de Roma, favorecidos já com a protecção imperial se permittiu escolherem dentre os edificios publicos os que mais proprios lhes parecessem para o culto. Mereceram a preferencia as basilicas. Eram os mais espaçosos de todos.

As antigas basilicas romanas serviam de tribunaes e tambem de mercados on bazares. Contrastava a sua singeleza com a magnificencia de ontros edificios. Exteriormente careciam de marmores, columnas, pilastras, archivoltas, balaustradas, estatuas, emfim de todos os ornatos de que os romanos carregavam com mão prodiga os monnmentos da architectura. Havia tres naves nos vastos recintos d'estas casas, porque de cima a baixo os dividiam dnas arcadas. Algnmas basilicas, taes como a Ulpia, tinham cinco naves. A este espaço, onde se agglomerava o povo, seguia-

se outro indiviso e rectangular destinado para advogados, escrivães e officiaes de justiça. Chamava-se *transeptum*. Mais adiante e em frente da nave central havia outro espaço semi-circular, coberto com uma abobada á maneira de concha e denominado *hemicyclum*. Chamava-se tambem *apsis, absis* ou *abside*, e no meio d'elle estava a cadeira do juiz. Por cima das naves lateraes ficavam umas galerias que se abriam de um e outro lado na central, mais larga e mais alta que as outras duas. Estribavam-se as arcadas d'estas galerias sobre as inferiores e no mesmo plano vertical. Os tectos eram de madeira.

Realmente, senhores, singular coisa parece que nas basilicas se possa descobrir já interiormente, posto que vaga e indeterminada, a fórma da cruz. A nave central e o abside representavam a haste; o transepto os braços. Edificando os templos christãos, empenharam-se quasi sempre os architectos em fazer maior esta similhança, prolongando a uma e outra parte o espaço correspondente ao transepto, como se vê na Sé Velha até pela parte de fóra. Todavia não é sómente nesta disposição geral que as egrejas antigas do occidente, e ainda muitas das modernas, se parecem com as basilicas romanas. A capella-mór é o abside, onde o bispo occupou a cadeira de juiz, pois nos templos primitivos o logar do prelado era no meio, onde mais tarde se poz o altar-mór que modernamente foi recuado á parte posterior. O cruzeiro, logar destinado outr'ora para clerigos e cantores, é o *transeptum*. A parte restante da basilica, onde era o logar do povo, continuou a servir do mesmo modo para este fim, conservando a mesma fórma rectangular e a mesma divisão em naves por duas arcadas na maior parte das egrejas da edade media. Nos templos maiores, em muitas cathedraes, sobrepozeram-se tambem ás da nave central outras columnas menores para sustentar, como na basilica, os tectos das galerias construidas em cima das naves lateraes. Tal foi a origem do *triforium*, assim denominado por constar algumas vezes de arcos reunidos tres a tres.

Na Sé Velha esta especie de galeria conserva ainda a fórma primitiva, bem como na maior parte das nossas cathedraes edificadas antes do seculo XV, apezar das reconstrucções com que em

varias epochas lhes alteraram a primeira fabrica. No *triforium* ou em parte d'elle entoavam preces e canticos as virgens e viuvas, consagradas ao Senhor, no tempo em que não se receiava ainda que as vozes das mulheres dentro das egrejas podessem dar com o christianismo em terra.

Suspendiam tambem outr'ora do antepeito do *triforium* sedas e damascos com que exornavam o interior da egreja nas solemnidades religiosas. E mais arrazoado era por certo este costume do que o de cobrir, como hoje fazem, o retabulo do altar-mór, estragando irremediavelmente muitas vezes obra de talha delicadissima e de maior preço que as sedas ou panninhos com que a encobrem. Na sé de Evora conservam-se grandes pannos de damasco qne antigamente penduravam do *triforium*.

V

Os characteres architectonicos de que tenho tractado não bastam por si sós para determinar a edade dos nossos quatro templos conimbricenses. Se os aperfeiçoamentos do apparelho houvessem seguido sempre uma ordem chronologica, diria que as egrejas de S. Thiago, S. Christovão e Sé Velha, por terem paredes revestidas de pedras faciadas ou silhares com as dimensões do apparelho medio, seriam mais novas que a de S. Salvador, cujas paredes são de alvenaria. E, se, depois de se construirem egrejas com gigantes e abobadas de pedra, nunca mais se edificassem outras sem elles, accrescentaria que as egrejas de S. Christovão e da Sé Velha, por terem estes elementos architectonicos, seriam ambas menos antigas que a de S. Salvador e a de S. Thiago, que têm tectos de madeira, e cujas paredes carecem de gigantes. Começando pela obra de architectura mais imperfeita e acabando na mais perfeita de todas, teremos a seguinte serie: 1.º S. Salvador, 2.º S. Thiago, 3.º S. Christovão, 4.º Sé Velha. Será, porém, esta a verdadeira ordem chronologica das edificações? Ha sómente probabilidade e não certeza de que o seja, porque á maior imperfeição nem sempre corresponde a maior

antiguidade de um edificio. E, se admittirmos por hypothese a indicada chronologia, restará ainda determinar o seculo em que principia e aquelle em que termina a serie. Importa-nos, por tanto, examinar os characteres de outros elementos architectonicos mais interessantes á solução do problema.

Em todas as quatro egrejas, nas portas, janellas, frestas e paredes que dividem as naves, predomina, com exclusão de qualquer outro, o arco de volta redonda. Este arco era na architectura romana um elemento essencial como a columna o fôra na architectura grega. Dos edificios romanos passou aos da edade media. Nos templos, aonde não chegaram influencias do estylo arabe, não se empregou nenhum outro arco até ao seculo XII, nos fins do qual já estava geralmente substituido pela ogiva. Eis aqui uma regra menos fallivel que a deduzida da perfeição do apparelho, que me auctorisa a concluir que as quatro egrejas são anteriores ao anno de 1200. Todavia desde o seculo VI ou VII até este anno decorreu um longo espaço de tempo. D'estes seis ou sete seculos em qual ou em quaes foram construidos os velhos templos conimbricenses? Prosigamos no exame dos characteres architectonicos.

Os portaes têm archivoltas feitas de arcos concentricos, e alguns ornados com folhagens. Os arcos estribam-se immediatamente em capiteis, cobertos de folhas ou animaes, e estes em fustes lisos ou esculpidos. As janellas têm tambem columnas com capiteis. Estes characteres e a perfeição da esculptura provam que os elementos architectonicos a que pertencem não são anteriores ao anno de 1000. Foi mui notavel a influencia d'este anno na architectura christã, por se demonstrar a falsidade da crença, que se espalhara pela christandade, de que nelle acabaria o mundo. Recuperados os povos d'esse vão receio, enriquecidas as ordens religiosas e as egrejas com os testamentos e doações que produziu, emfim sob o estímulo de outras influencias sociaes, tamanho impulso receberam as artes, que se considera o seculo XI como uma epocha de renascimento, e, por tanto, a architectura d'esse tempo tão perfeita, relativamente á dos seculos anteriores, que se não confunde com ella.

Esta proposição é importante, porque, sendo admissivel como regra geral, ficar-nos-ha reduzido a duzentos annos o espaço de tempo que ainda ha pouco era de muitos seculos. Tentarei, por tanto, demonstral-a com as provas mais convincentes que se me deparam na historia da architectura.

O estylo dos edificios christãos foi em principio o dos edificios romanos. Os artistas sabiam e conservavam tradicionalmente os segredos da arte. Os capiteis, fustes, bases e outros materiaes, que aproveitavam dos monumentos demolidos ou arruinados, os obrigavam a trabalhar do mesmo modo, imitando aquelles exemplares. Mas as imitações cada vez se tornaram mais imperfeitas. Logo depois do seculo VI ou VII a arte no occidente chegou a padecer total decadencia. A architectura corrompida, barbarisada não produzia senão construcções disformes. A ornamentação das egrejas, pobrissima, chegou quasi a desapparecer, e os lavores da esculptura, além de raros, eram toscos e grosseiros. Das egrejas mais antigas de Coimbra ninguem dirá que estejam em similhante caso.

Seriam, porém, edificadas antes d'aquella geral decadencia, ainda no tempo dos wisigodos? A tal hypothese objectarei o seguinte: Os romanos empregaram commumente em suas construcções o arco e a columna. Porém não o souberam fazer com toda a vantagem que de taes elementos poderiam tirar. Não formavam com elles todos independentes, mas apenas partes dependentes e integrantes de todos mais complexos. Quasi sempre encostavam as columnas ás paredes á maneira de pilastras ou gigantes. Entre o capitel e o arco punham o entablamento, a faxa ou a platibanda. Já se não encontram nas quatro egrejas, de que tenho tractado, estes characteres essenciaes de um estylo invariavelmente seguido na edificação dos templos christãos da edade media no occidente, até que a influencia de um novo estylo libertou a columna da sujeição a outros elementos, e desembaraçou o arco do quadrado em que os romanos o confrangiam. Esse estylo foi o denominado byzantino, que se constituiu em Constantinopla durante os primeiros seculos do imperio do oriente, d'onde passou á Italia septemtrional, e d'ahi mais tarde ao resto da Europa. Os architectos

gregos aproveitaram no oriente a combinação do arco e da columna; porém, mais ingenhosos, mais artistas que os romanos, soltaram-nos dos macissos a que adheriam, suppriminam todos os elementos que os romanos, por cumprir as regras da ordenação, interpunham ao capitel e ao arco, e inventaram assim as elegantes arcadas que vieram a ser uma das partes mais graciosas e mais characteristicas dos templos christãos.

D'esta nova combinação dos arcos e columnas resultava sómente uma coisa discordante á vista. Numa arcada a parte em que se unem as extremidades de dois arcos é uma superficie quadrangular. Ora esta superficie, assentando sobre o capitel cylindrico, fazia um todo desharmonico. Para evitar esta discordancia os architectos byzantinos modificaram o capitel, deram-lhe a fórma cubica, ou antes a de uma pyramide quadrangular truncada com a base para cima. Estes capiteis, chamados cubicos, privativos do estylo byzantino, nem sempre se encontram nas edificações em que se patentêam claramente outros characteres d'aquelle estylo. Assim acontece nas quatro egrejas mais antigas de Coimbra.

Em França, Allemanha e Inglaterra começam a apparecer os characteres do estylo byzantino nos fins do seculo X e no seculo XI, quando os seus habitantes principiaram tambem pelas viagens, pelo commercio ou por outras vias a ter relações com o oriente e com a Italia do norte. Edificaram-se egrejas inteiramente ao modo oriental, não com a fórma da cruz latina, mas com a da cruz grega, e com uma ou muitas cupolas de grandes dimensões, em natural correspondencia com esta fórma. Porém, na maior parte das egrejas, e entre ellas nas de Coimbra, observa-se apenas a ornamentação com characteres byzantinos, conservando-se inalterada a fórma da cruz latina e todos os elementos architectonicos respectivos á estructura geral e planta dos edificios, derivados da basilica romana. Só a antiga cupola da Sé Velha, hoje destruida, faz lembrar as de algumas egrejas byzantinas edificadas em França[1].

[1] Na Hespanha ha tambem algumas egrejas construidas no seculo XII com torres quadrangulares terminadas em pyramides e com dois ou tres andares, como foi a torre da Sé Velha.

O estylo byzantino, modificando assim em grande parte da Europa o estylo latino on romão, ou romanico, bem como dizem os hespanhoes, originou nm novo estylo, que racionalmente alguns archeologos denominaram *romano-byzantino,* depois de ser já conhecido pelos nomes vulgares de *lombardo, normando, saxonio,* etc., conforme o povo que o introduziu ou donde foi transportado para aqnelle que lhe deu o nome[1].

As egrejas mais antigas de Coimbra são d'este estylo romano-byzantino, como se prova pela inserção directa dos arcos sobre os capiteis, pelos fustes esculpidos, pelos desenhos das molduras, e emfim pelas janellas geminadas. Por tanto não se hão de reputar anteriores ao tempo em que elle se diffnndiu pela Europa, que, excepto na Italia, foi, como disse, nos fins do seculo X e no secnlo XI. Os reinados de Fernando Magno, e mais particularmente de Affonso VI, em toda a Peninsula, e o governo do conde D. Henrique e reinado de D. Affonso Henriques, em Portugal, offereceram as condições mais vantajosas para chegar até ao occidente da Europa aquelle estylo, pela vinda de mnitos extrangeiros, chegando a constituir-se até colonias de francos na provincia do Minho. Entre esses extrangeiros vieram artistas.

No portal da egreja de S. Thiago apparecem muito evidentes os characteres byzantinos. Na porta lateral até os capiteis são qnasi cubicos, fórma characteristica e privativa d'aquelle estylo; com qnanto os capiteis rigorosamente byzantinos se não encontrem, como disse, na maior parte das egrejas do occidente, em que abnndam outros characteres do mesmo estylo. Comparando a archivolta d'esta nltima porta e a cornija que tem por cima com a archivolta e cornija respectivas da porta principal de S. Salvador, achar-se-hão extremamente similhantes. As columnas parecem ter sido renovadas em epocha posterior á edificação primitiva. Todavia entre ellas vê-se ainda um fuste de pedra

[1] Os auctores hespanhoes designam geralmente pelo nome de *romanico* o estylo que, á imitação dos francezes, nós chamamos *romano-byzantino. Romão* é o adjectivo portuguez que melhor corresponde ao hespanhol *romanico,* melhor talvez do que *romanisco,* que não sabemos ter sido empregado nesta accepção.

mais branca e mais dura, ornada á maneira dos fustes das portas de S. Thiago. Esta circumstancia faz orivel terem sido edificados os dois templos, ou pelo menos as suas portas, em epochas proximas.

VI

Creio ter demonstrado com evidencia, soccorrendo-me sómente dos characteres architectonicos, que as quatro egrejas mais antigas de Coimbra foram edificadas num periodo de duzentos annos, decorrido entre 1000 e 1200. E mui de proposito me abstive de lançar mão de outros argumentos, para mostrar a grande importancia da parte da archeologia, respectiva á architectura, nas questões d'esta especie, e, por tanto, o interesse que poderá ter em suas applicações á historia politica, e mais em particular á historia social.

Pelos characteres architectonicos diria que as egrejas de S. Salvador e S. Thiago teriam sido edificadas no seculo XI, se não tivesse visto portaes e capiteis similhantes aos d'estas egrejas nas de S. Pedro em Leiria e de S. João de Alporão de Santarem. Ora, como estas ultimas foram indubitavelmente edificadas no seculo XII, é claro que tambem as outras o poderiam ser. A mim não me basta o exame archeologico para determinar dos dois seculos aquelle a que se hão de attribuir as duas egrejas conimbricenses. Algum archeologo mais conhecedor do que eu da architectura peninsular achará talvez characteres differenciaes que por mim não posso descobrir. Relativamente ás egrejas de S. Christovão e Sé Velha menos difficil me parece designar-lhes as edades. Occupar-me-hei agora d'este problema, esperando da sua solução algum subsidio para indirectamente resolver o outro, insoluvel, como disse, á luz da archeologia.

Nas egrejas de S. Christovão e da Sé Velha apparecem já characteres architectonicos importantes para se reputarem edificações do seculo XII e não do seculo XI. A esculptura dos capiteis, a solidez da abobada, a perfeição do apparelho e a elegante disposição dos gigantes, a reunião das columnas em feixes e a exis-

tencia de gargulas bem esculpidas, correspondem á epocha mais perfeita do estylo romano-byzantino, ao seu ultimo periodo, que alguns archeologos consideram ter decorrido de 1100 a 1200. Os lavores dos capiteis são tão perfeitos, que difficilmente se encontrarão outros que os excedam, ainda nos templos do estylo ogival, construidos dois ou tres seculos depois.

Com relação aos dois templos ha documentos que confirmam as indicações da archeologia. Um é a carta, pela qual o bispo D. Gonçalo deu licença a João Peculiar e outros religiosos para fundarem a egreja de S. Christovão. Este bispo governou a diocese conimbricense desde 1109 a 1128. Outro é uma memoria lançada no Livro Preto da sé, onde se descreveram as obras feitas pelo bispo D. Miguel e se nomêam os mestres Roberto e Bernardo que as dirigiram, e de modo tal que se conhece ter sido uma edificação dos alicerces. Este bispo D. Miguel cingiu a mitra pelos annos de 1162 a 1176. Fica assim demonstrado pelos characteres architectonicos o seculo, e por este documento o quartel de seculo em que foi edificada a Sé Velha.

Mas a inscripção arabiga? Perguntar-me-ha ainda algum dos que abrem os ouvidos ás tradições vulgares e fecham os olhos á evidencia dos argumentos. Depois de conhecidos os factos constantes da minha demonstração, o letreiro arabigo, signifique o que significar, não póde de modo nenhum servir de prova em contrario ao que attestam a architectura e a historia. Entretanto não se diga que receio entrar na impugnação de um argumento que modernamente adduzem os que pretendem remontar a edificação da velha cathedral á epocha dos arabes, folgando de ver num templo com fórma crucial uma mesquita de moiros.

A inscripção ha poucos annos sómente é conhecida. Está numa pedra da parede septemtrional do templo e num logar da parede totalmente liso, para o qual nada chama a attenção do observador. Alguem a traduziu assim:

«*Honra e gloria em especial foi dada a este logar pela nossa assistencia nelle. Exaltado seja aquelle que o tornou em logar de asylo para os que vieram guardal-o e defendel-o.*»

Por acaso me veiu á mão uma nota do traductor que se ja-

ctava de demonstrar pela interpretação que fizera dos characteres *greco-barbaro-syriacos*, gravados nas paredes, e dos characteres *arabico-cufico-mixtos* da inscripção:

1.° Que a Sé Velha de Coimbra fôra edificada no seculo V;

2.° Que no seculo VIII a transformara em alcaçar ou castello militar Ali-Habuacem, a quem a inscripção se refere e tambem um documento de Lorvão transcripto por Fr. Bernardo de Brito.

Em tudo isto havia razões mais que sufficientes para duvidar da traducção, ou para suppôr que mereceria tanto credito como o documento com que o traductor pretendera auctorisal-a e que todos os criticos reputam apocrypho.

O sr. D. Paschoal de Gayangos, a quem remetti a inscripção, tirada em papel á maneira das provas typographicas, reputa-a mutilada no principio e no fim e entende que as palavras restantes significarão:

«.... *Edificou-o com solidez Amed Ben Ismael por mandado de....*»

Observou mais o sr. Gayangos que a linha de characteres arabigos, que decompoz em palavras, não podia de modo nenhum dar uma versão tão extensa, como a que apresentara quem primeiro fingira traduzil-a.

VII

Infelizmente dos documentos relativos ás egrejas de S. Salvador e S. Thiago nada se infere com respeito á epocha em que seriam edificadas. Sendo, porém, como com varias provas o tenho mostrado, muito mais imperfeitas na architectura que as de S. Christovão e da Sé Velha, mais provavel parecerá terem sido antes edificadas no seculo XI que no seculo XII. E quem assim o julgar irá conforme com a tradição, que remonta a construcção da egreja de S. Thiago ao tempo de Fernando Magno; e com um documento que attesta a existencia da egreja de S. Salvador já pelos annos de 1064 durando ainda a dominação sarracena. Mas a tradição por si só não faz prova em juizo; e o documento apenas demonstra que havia em Coimbra por aquelle tempo a egreja de S. Salvador, sem nos dizer se o edificio que subsiste hoje será o que já então existia ou obra posterior ao tempo da conquista.

Que as egrejas de S. Salvador e de S. Thiago não foram construidas no seculo x ou em qualquer das epochas anteriores em que a cidade pertenceu aos christãos, prova-se não sómente com as razões já ponderadas, deduzidas do estylo architectonico, mas tambem por um documento, que mostra qual fosse a inferioridade das artes em Coimbra nos fins do seculo x. Este documento, publicado no *Portugal Renascido* por Fr. Manuel da Rocha, é uma memoria escripta em latim barbaro no livro dos testamentos de Lorvão. Nella se refere que em tempo do Abbade Primo (978 a 985) viera de Cordova para aquelle mosteiro mestre Zacharias, o qual o concelho de Coimbra mandou pedir ao abbade que lh'o désse para lhe fazer pontes em seus ribeiros. Respondeu o abbade que sim. Porém que, por memoria, acompanharia o mestre. Vieram ambos pois, e, chegando a Ilhastro (juncto ao logar que chamam hoje Fornos) ahi assentou o abbade a sua tenda, e mandou aos homens da terra que trouxessem carros, pedra e cal, com o que fizeram uma ponte. Vieram a Cozelhas e construiram outra. Vieram á ilharga do Bussaco e construiram outra. E ultimamente, chegando á ribeira de Forma, construiram outra ponte e juncto d'ella uns moinhos.

Prova-se, por tanto, com evidencia que no ultimo quartel do seculo x não havia em Coimbra pedreiros capazes de fazer, ao menos com segurança, as pontes dos minguados ribeiros circumvisinhos, que um mosteiro rico situado a tres leguas da cidade, mandava vir de Cordova um mestre de obras para supprir a falta de artifices nesta parte remota dos dominios de el-rei de Leão; que o concelho de Coimbra deputava uma embaixada ao abbade do mosteiro, como se lá estivera o melhor dos architectos; e finalmente que o poderoso donatario, por fazer favor á cidade, ou antes por zelar os interesses do convento, acompanhava o mestre cordovez pelo territorio conimbricense, estacionando com elle pelas margens dos ribeiros e presidindo á construcção das pontes e moinhos, como se foram obras admiraveis de grande e primorosa fabrica.

Este documento é importantissimo por contrariar mui claramente, e sem que lhes seja necessario estudarem a archeologia,

as pretenções de algumas pessoas que não acabam de convencer-se de que não podem ser anteriores ao anno de 1000 as mais antigas egrejas conimbricenses. Parece que receiam rebaixar-lhes o preço diminuindo-lhes a edade. Como redondamente se enganam! No animo de qualqner junta de parochia ou de outra corporação superior mais quatro seculos menos quatro seculos nenhum peso têm, para que deixem de decretar a demolição ou ao menos a caiadela ou qualquer outra conspnrcação de algum d'esses venerandos monnmentos.

Desejando, pois, saber se o documento se poderia reputar authentico, perguntei uma vez em Evora ao sr. Alexandre Herculano que opinião tinha a este respeito. Respondeu-me que duvidara em principio, suspeitando que seria apocrypho, porém que a final se convencera de que não havia fundamento para tal suspeita.

Nem é para extranhar a miseria a que, nos primeiros seculos da edade media, tinham chegado as artes onde em tempo dos romanos tanto haviam florescido. Á invasão dos vandalos, suevos e alanos no secnlo v seguiram-se porfiadas lutas entre estes barbaros e os wisigodos, que sómente no anno de 586 se viram alfim senhores de toda a Hespanha. Pouco mais de um seculo depois os moiros assenhorearam-se da Peninsula. Seculo e meio mais tarde Affonso III tomava aos monros a cidade de Coimbra, ou a povoação que em seu logar existia com outro nome[1]. Reconquistada por Al-manssor no seculo seguinte, tornou ao poder dos christãos e ficou definitivamente sujeita ao seu dominio em 1064. A algumas d'estas conquistas segniram-se a destruição e despovoação da cidade. Vivendo em tamanha incerteza aquelles qne habitassem dentro de seus muros não poderiam cultivar as artes. Tractariam apenas de obter o que lhes fosse strictamente indispensavel para subsistirem, e de que lhes não viessem a faltar meios de defesa, ameaçados como estavam sempre os christãos pelos moiros e estes por aquelles. Dos templos arabes não resta um só

[1] A cidade de Eminio? Vej. no tom. XVII do *Instituto* a pag. 80 e 270 as opiniões que a este respeito expenderam na secção de archeologia do Instituto o sr. Miguel Osorio e o auctor.

vestigio, não sómente em Coimbra mas em todo o Portugal. Se os christãos destruiam as mesquitas, os moiros não poupariam muito as egrejas, ao menos na occasião de maior effervescencia.

A imperfeição da architectura, o serem os templos feitos de pedra e barro explicam a facilidade com que seriam destruidos não só pela acção promptamente devastadora da moirisma, porém até pelo natural influxo do proprio tempo. Foi de pedra e barro a famosa sé de S. Thiago de Compostella até ao seculo X, em que a reedificou Affonso Magno com marmores que levou do Porto, onde tinham pertencido a edificios romanos. Dois seculos depois ainda D. Affonso V mandou construir em Leão um templo de tijolo e barro, que sagrou a S. João Baptista.

VIII

Nos fins do seculo XI, alem das egrejas de S. Salvador e S. Thiago, que, pelas razões mencionadas, parece existirem já por esse tempo, havia em Coimbra outras, de cuja architectura ninguem póde fazer idêa, por terem sido totalmente destruidas e substituidas por novas edificações. Havia a egreja de S. Bartholomeu, citada já em documentos do seculo X. A que foi demolida no seculo passado pareceu, por alicerces que se descobriram, ser edificio posterior ao primitivo. Havia mais a egreja de S. Pedro, existente em 1064, ao tempo da conquista; a de S. João de Almedina, a mesma talvez que a de Mirleus que D. Sesnando edificara; e finalmente a sé ou egreja de Sancta Maria, que não era com certeza o edificio que chamamos hoje Sé Velha, embora seja possivel ter existido no mesmo logar.

Na segunda metade do seculo XI varias circumstancias contribuiram para desenvolver a arte de edificar, tornando-a muito mais perfeita do que era em tempos anteriores. A victoria de Fernando Magno em 1064 assignalou o principio de uma epocha memoravel na historia de Coimbra. Fazendo esta cidade capital de um extenso e importante condado, que tinha por limites naturaes o Douro ao norte e ao sul o Mondego, o rei

de Castella e Leão confiou-a ao governo de Sesnando, por quem fôra aconselhado a invadir esta parte da peninsula iberica. Os poucos documentos que ficaram d'esse tempo attestam conformes o muito que D. Sesnando se empenhava em edificar e povoar. O ex-wasir do diwan de Ibn-Abbad, educado na côrte de Sevilha, pouco distante de Cordova, trouxera do centro da civilisação arabe o gosto das artes, que naquella provincia da Hespanha floresciam, animadas pelo impulso que tinham recebido do illustrado governo de Al-manssor.

Começando a desenvolver-se no seculo XI, a architectura conimbricense teve mais rapido incremento e chegou a mais alto gráu de perfeição no seculo XII. Datam d'esta epocha os templos mais bem acabados e de estylo mais bem definido. Por infelicidade para a historia da architectura nacional quasi todos se perderam. As inundações do Mondego arruinaram o mosteiro de Sanct'Anna e a egreja velha de Sancta Justa. Os thesouros de el-rei D. Manuel e a vaidade dos cruzios fizeram desapparecer todos os vestigios da antiga egreja e mosteiro de Sancta Cruz[1]. A egreja de S. Christovão, que se conservara por mais tempo, cahiu, a final, aos golpes do camartello destruidor para se transformar num theatro. Resta-nos a Sé Velha, a antiga cathedral conimbricense, que racionalmente haveremos de suppôr obra de arte mais perfeita que as outras que se perderam.

IX

Senhores: resta-me fallar-vos, na ultima parte da minha conferencia, da architectura religiosa em Coimbra nos seculos XIII, XIV e XV até ao reinado de D. João III, que foi, com relação ás artes, a epocha em que se operou completamente em Portugal a grande revolução que substituiu aos estylos usados na edade media os dos monumentos dos gregos e romanos ou da antiguidade classica. Se para tanto me não faltara o tempo, mostrar-vos-hia

[1] Excepto um arco e dois capiteis, que estão encobertos com o orgão na parede lateral da nave da egreja, da parte do Evangelho.

a importancia e vastidão do assumpto. Diria como a architectura ogival se desenvolveu na Europa e os principaes monumentos que produziu. Tractaria da sua introducção em Portugal e das phases por que passou em cada seculo. Estudal-a-hia em Alcobaça, Batalha, Thomar e Belem. Examinaria os characteres particulares que tomou durante o reinado de D. Manuel a ponto de constituir um estylo que se differença por characteres proprios d'aquelle que nos offerece a architectura ogival do mesmo tempo no resto da Europa. Estudaria, emfim, os poucos monumentos ogivaes que ainda restam em Coimbra. Sou, porém, forçado a concluir, limitando-me a indicar estes ultimos em breves palavras.

Da architectura ogival do seculo XIII teriamos hoje dois exemplares interessantes nas primitivas egrejas e conventos de S. Francisco e S. Domingos, se as cheias do Mondego não os destruiram totalmente. Foi tambem edificado neste seculo o mosteiro de Cellas. Reconstruido, porém, em varias epochas, não conserva hoje da primeira fabrica senão dois lanços do claustro. São mui curiosos os capiteis ornados com figuras que representam passos da vida do Salvador e de alguns sanctos. Encontram-se nelles mais proeminentes que nos edificios anteriores os characteres byzantinos.

Do seculo XIV temos ainda restos de um templo majestoso, dos maiores que se edificaram em Coimbra. São as ruinas de Sancta Clara a Velha. Esta egreja não estava ainda concluida no anno de 1327, como se prova pelo segundo testamento da rainha D. Isabel.

Interrompem-se por este tempo as construcções religiosas em Coimbra. Os monarchas portuguezes começam a preferir a rainha do Tejo á princeza do Mondego. Depois, desde o tempo de D. João I, as empresas maritimas ainda mais prendem em Lisboa os reis e a côrte. Assim, passa-se todo o seculo XV sem uma só edificação importante em Coimbra. E no reinado de D. Manuel, que distribue com mão prodiga templos e outros edificios por todo o reino, apenas se edificaram a egreja e claustro de Sancta Cruz e a capella dos paços reaes, hoje da Universidade.

Finda naturalmente aqui a exposição do meu assumpto. É pos-

sivel que duvideis de alguma das opiniões que tenho expendido em materia, em que tantas vezes faltam provas directas e decisivas. Num ponto, porém, me parece concordareis inteiramente commigo, e vem a ser em que, muito ao contrario do que hoje vemos, a architectura foi outr'ora uma arte conhecida, cultivada e apreciada em Coimbra.

Cousa notavel! Ao constituir-se a sociedade portugueza, numa epocha de contingencias, de perigos e lutas, a architectura desenvolve-se logo com rapidez, e produz monumentos perfeitos relativamente ao estado das artes, por esse tempo, nas outras nações da Europa. As crenças, o esforço, o genio guerreiro dos fundadores da monarchia, a solidez da sua obra foram fielmente interpretadas pelos architectos. O aspecto das sés de Lisboa e Coimbra, da egreja dos templarios em Thomar e de outros edificios parece ao mesmo tempo religioso e militar, como o dos valorosos soldados de Affonso Henriques, a quem serviam e ao povo de templos e castellos; de templos para orar nos dias de paz, de castellos para orar e defender-se quando os inimigos da cruz a ameaçavam ou áquelles que a traziam por divisa.

Eis o que ha oito seculos symbolisava a architectura conimbricense. Tão bem, como eu, o sabeis vós. Agora o que eu e ninguem sabe é o que significa a architectura, não digo bem, a alvenaria contemporanea. Pertencerão, por ventura a algum estylo conhecido, representarão por acaso alguma idêa d'aquellas que as artes podem e devem traduzir... Não proseguirei. Tinha tencionado encerrar a minha conferencia com algumas palavras relativas a este assumpto das construcções modernas e tambem ao da conspurcação dos monumentos antigos em Coimbra. Parecem-me, porém, agora tão pequenos, tão mesquinhos em comparação d'aquelle que tenho tractado, que os julgo indignos d'este logar, da vossa attenção, e até das minhas proprias palavras.

NOTA ÁCERCA DAS EGREJAS DE S. SALVADOR E DE S. THIAGO

Ha alguns documentos respectivos ás egrejas de S. Salvador e de S. Thiago, que mui de proposito deixei de parte na minha conferencia, porque exigiriam longas reflexões para não complicarem ainda mais o assumpto. Soccorrendo-me unicamente dos characteres architectonicos, mostrei não haver impossibilidade em attribuir ou ao seculo XI ou ao seculo XII as edificações d'estas egrejas, parecendo porém mais provavel serem anteriores ao anno de 1100.

Na porta principal da egreja de S. Salvador, da parte da Epistola e do lado de fóra, está uma inscripção numa lapide, e juncto d'ella outra lapide com um baixo relevo tão gasto, que se não vê já o que representa. Coelho Gasco, em cujo tempo (pelos annos de 1600) estava ainda bem conservado, declarou representar «um homem a cavallo todo armado, como quem vai correndo.»

O mesmo Coelho Gasco leu assim a inscripção: «*Estephanus Martinis sua sponte hanc portam fecit et frontispicion.* E. M. CC. VII. E. M. E traduzin: *Estevão Martins fez este portal, e frontispicio d'elle, por sua vontade, na era de Cesar de* M. CC. VII.: Era de Mil de Christo.» *Conquista, Antiguidade e Nobreza da... Cidade de Coimbra.* Lisboa, 1807, pag. 20.

O sr. prior de S. Christovão em o numero 7.° do *Antiquario* deu uma cópia lithographica da inscripção que leu assim:

1.ª STEPHANUS
2.ª MARTINI. SUA
3.ª SPONTE. FECIT. HUNC
4.ª PORTELEM. ET
5.ª FRONTE. ERA. MILLESIMA. DUCENTESSIMA
6.ª SEPTIMA. ERA. MILLESIMA.

E traduziu: «Estevão Martins de sua livre vontade fez esta porta e frontispicio. Era de 1207 (anno de 1169). Era Millesima.» Declaron porém que lera *et* na segunda palavra da quarta linha, por seguir a Coelho Gasco, e sem affiançar a fidelidade da lição.

Logo no immediato numero do *Antiquario* appareceu um additamento, em que o seu illustrado redactor engeitou a lição de Gasco, parecendo-lhe que em vez de ET FRONTE se deveria ler LEST FRONTE, que significaria *no frontispicio do oriente*. E no outro numero, que foi o 9.° e ultimo do *Antiquario*, publicou outra lição do fallecido abbade de Lobrigos, Manuel Fulgencio Gomes, que na mesma lithographia do numero 7.° lera na segunda palavra da quarta linha LETA; e traduzira LETA FRONTE, *com um elegante frontispicio*.

A cópia mais exacta da inscripção é a que eu dei numa estampa das *Reliquias da architectura romano-byzantina*. E nesta Memoria preferi a interpretação do sr. prior S. Christovão, por me parecer discordante a data de 1169 com a architectura da egreja. Estando o frontispicio voltado ao poente, a inscripção teria sido trasladada de outra fachada para a principal.

Hoje duvido já d'este parecer, porque encontrei em Leiria na egreja de S. Pedro, juncto do Castello, e em Santarem na de S. João de Alporão portaes e cornijas similhantes; e como estes não podem ser do seculo XI, mas sómente do seculo XII, é claro que desapparece d'esta sorte a incompatibilidade que primeiramente se me afigurara existir entre a inscripção e a architectura da fachada principal da egreja de S. Salvador. Por outra parte não é muito crivel que no templo orientado de nascente a poente houvesse uma fachada oriental, *fronte lestis*.

Restabelecendo assim a possibilidade de serem contemporaneos a fachada principal, ou pelo menos o portal, com a cornija e a inscripção, não se oppõe esta hypothese a que as paredes e o interior da egreja tenham maior antiguidade e sejam effectivamente os que já existiam em 1064, no tempo em

que os monges da Vacariça registraram no seu inventario a egreja de S. Salvador de Coimbra. Isto posto, resta interpretar as palavras LETA FRONTE, que em verdade parece lerem-se na inscripção. Deixarei a empresa aos latinistas, aos modernos Du Cange, onde os houver. Entretanto devo lembrar que a palavra *leta* póde ser o participio do verbo obsoleto *leo*, donde procede *letum*, que significa *morte* e no sentido figurado *destruição*. De *leo* deriva-se tambem *deleo* e *deleta*, que significa *destruir* e *destruida*. Emfim, recordarei tambem que numa inscripção de Napoles, dos ultimos tempos do imperio romano, apparece a palavra *lita* com applicação a uma parede rebocada ou alizada de novo. Quem tiver notado os erros e alterações do corrompido latim da edade media não me estranhará por certo apontar similhanças, que poderão servir a uma nova e necessaria interpretação.

Adverte com razão o sr. A. de S., muito sabedor de philologia, que a expressão da 2.ª e 3.ª linha *sua sponte* nenhuma duvida póde haver em traduzil-a *só por si, sem auxilio d'outrem, á sua custa*; com as auctoridades de Plauto *(Truculentus*, A. 2, sc. 6, v. 46) e de Cicero *(Epist. ad Fam.)*.

Se o portal com a cornija da fachada da egreja de S. Salvador são com effeito de 1169, ao seculo XII tambem mais do que ao seculo XI se deveriam attribuir os portaes da egreja de S. Thiago. E neste caso concordaria a data da consagração d'esta egreja (1166) com a da inscripção citada (1169). Esta ultima data constava do Martyrologio do uso do côro, onde o sr. Rodrigues de Gusmão lera o seguinte: «*Dedicatio hujus Basilicae Divi Jacobi Apostoli Colimbriensis: quae consecrata est anno milesimo ducentesimo quarto, ad expensas Domnae Daniellae, nobilis feminae, cujus anima in pace requiescat.*» *(Instituto*, tom. 1.º, pag. 66).

Não occultarei porém que João Pedro Ribeiro allude a outro documento com a noticia da mesma consagração, mas a 28 de agosto do anno de Christo de 1244. (*Observações de Diplom. Port.*, pag. 33). Se esta ultima data fosse a verdadeira, a consagração a que se refere não poderia ser a primeira da egreja, porque do anno de 1183 é um termo de composição entre o arcebispo de Compostella e o bispo de Coimbra ácerca dos seus respectivos direitos sobre a egreja de S. Thiago de Coimbra. *(Not. Hist. do Most. de Vacariça—2.ª part. Docum. 22)*.

Coimbra, 5 de janeiro de 1875.

FIM.

Obras do auctor

Cartas da beira-mar — Descripções interessantes e pittorescas dos phenomenos e dos seres marinhos. Coimbra, [illegible] 700

A invenção dos aerostatos reivindicada — Exame critico de noticias e documentos concernentes ás tentativas aeronauticas de Bartholomeu Lourenço de Gusmão. Evora, 1868 400

Relatorio ácerca da renovação do museu Cenaculo. Evora, 1869.

Reforma da instrucção secundaria. Lisboa, 1869.

Reliquias da architectura romano-byzantina em Portugal e particularmente na cidade de Coimbra (com quatro estampas). Lisboa, 1870 .... 1$000

Relatorio da administração da misericordia de Evora pela commissão dissolvida em 19 de janeiro de 1872. Evora, 1872.

A contractilidade e a excitabilidade motriz. Coimbra, 1872.

Breve exposição dos principaes subsidios com que têm contribuido para a theoria do calor animal a chimica, a physica e a physiologia. Coimbra, 1873 500

Educação physica — Segunda edição muito augmentada. Coimbra, 1874 800

Da architectura religiosa em Coimbra durante a edade media — Conferencia feita em 21 de fevereiro de 1874 no Instituto de Coimbra. Coimbra, 1875 150

LIVRARIA DOS SRS. FERREIRA LISBOA & C.ª

Lisboa — Rua Aurea — 132-134